

# CONSIDERAÇÕES RELATIVAS À EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA

Hugues Lenoir

Este texto não tem por pretensão retomar o conjunto dos temas e escritos, contemporâneos ou não, sobre a educação e a pedagogia libertárias. Ele tenciona ser uma reflexão livre, ancorada ao mesmo tempo sobre leituras e práticas aplicadas em formação de adultos.

“Andragogia” libertária – por pouco que se aceite esse termo de origem canadense – regularmente praticada hoje, mas demasiado raramente, para não dizer nunca, descrita ou teorizada. Minha intenção será aqui geral, não normativa, e limitar-se-á a algumas evocações, históricas ou de princípios.

Sem voltar a um debate essencial, que consistiria em apontar as diferenças entre educação libertária e pedagogia libertária, parece-me necessário ressaltar que a educação libertária não se limita unicamente à pedagogia (enquanto conjunto de instrumentos, métodos, procedimentos e atitudes), mas que talvez ela a englobe. De todo modo, a educação não poderia ser delegada a um corpo qualquer de especialistas, ainda que fossem libertários. Essa educação, que passa, no entanto, pela freqüentação de profissionais e instituições orientados com esse fim, não poderia permanecer aí confinada. A educação libertária diz respeito a todos e todas. Os pedagogos, quer dizer, aqueles e aquelas a quem se confia a conduta das crianças (sentido etmológico de pedagogia), não podem e não têm essa pretensão, por sinal, de conduzir sozinho e à perfeição a grande aventura educativa. Em um primeiro tempo, essa exigência implica, em matéria de educação, uma pluralidade de locais, espaços e atores. Depois, quando o processo educativo é engajado, ela propõe dar a cada um os instrumentos e os recursos úteis a sua própria trajetória. O educador, apagando-se, então, em proveito do “facilitador”, tal como foi definido por Carl Rogers. Não basta praticar as pedagogias ditas ativas. É preciso orientá-las e dar-lhes sentido e um sentido, ou seja, fazer delas instrumentos e não fins. Elas são uma espécie de “astúcia” pedagógica, a serviço da autonomia que os “aprendizes” devem conquistar.

Também parece importante ressaltar aqui a natureza pragmática dessa pedagogia. Com efeito, a pedagogia libertária não é uma teoria da educação surgida *ex nihilo*, quer dizer, do cérebro genial de um pensador alemão refugiado em Londres, por exemplo, mas o conjunto da teoria anarquista: é uma teorização permanente das práticas difusas, ricas e, algumas vezes mesmo, contraditórias. A pedagogia libertária nasce também de uma longa filiação histórica; afirma-se como o produto de histórias e pensamentos singulares e coletivos. Ela é una, por causa dos princípios que a movem, e múltipla pelas práticas e pelos locais de exercício por meio dos quais ela reivindica-se.

Em um primeiro tempo, e sem vontade de exaustividade, evocarei alguns grandes precursores e práticos dessa corrente pedagógica, quase sempre ligados a locais e experiências reais ou simbólicas. Excluirei disso, por falta de espaço, outros, às vezes mais conhecidos. Em seguida, evocarei alguns princípios reguladores que fundam e animam essa pedagogia.

#### Precursos e práticos da pedagogia libertária

Sem remontar à Antiguidade grega, eu gostaria de evocar Rabelais: aquele que, segundo minha opinião, foi sem dúvida um precursor, sem tê-lo sabido, dessa forma de educação livre. Com efeito, Rabelais, em sua época, funda na abadia de Thélème – local diferentemente simbólico – com seu “Faz o que quiseres” uma reflexão pedagógica inovadora, para não escrever, revolucionária. Ele considera que o primeiro motor da educação, entre pessoas socializadas, é verdade, é uma atitude ativa e livre num espaço liberado do máximo de coações. Trata-se de um local no qual a educação constrói-se pela liberdade e a liberdade pela

educação. Toda a problemática da pedagogia libertária parece-me estar contida nesse movimento dialético.

Outro precursor: Charles Fourier, que, em um espaço de vida e de produção, o falanstério, imagina um modo educativo na liberdade das paixões (dir-se-ia, hoje, dos desejos, das pulsões, das motivações e dos interesses). Ele preconiza não apenas a educação integral, aquela da mão e do espírito, cara aos anarquistas – de Pierre-Joseph Proudhon a Sébastien Faure – mas igualmente a utilização da descoberta e da conduta de experiências múltiplas, permitindo a tentativa e o erro. Desse conjunto de experiências nasce a verdadeira escolha do indivíduo, quanto a suas aprendizagens e a sua atividade futura. O que devemos observar, e nisso Fourier faz da educação uma aposta e um ato de responsabilidade coletiva, é que a educação não está artificialmente desconectada da vida da cidade (o falanstério), e da produção necessária à sobrevivência econômica da organização. Essa educação está integrada ao social sem estar submissa a ele; ela alimenta-se do real econômico sem dele depender totalmente; longe disso.

Proudhon herdará essa concepção da educação, essas utopias pedagógicas. O fundador da noção de autogestão, que funda a esperança revolucionária nas capacidades das classes operárias autônomas, considera que a escola não deve ser separada da vida e da oficina, que o “par” educação-produção é fundamental, não apenas para assegurar a formação integral e pluridisciplinar dos produtores, mas também para assegurar a independência em relação ao Estado e a alguns outros, das estruturas educativas. Lógica de ação que reencontraremos com Sébastien Faure e La Ruche, ou, em nossos dias com Bonaventure.

Fernand Pelloutier, animador das Bolsas do Trabalho e inventor, com milhares de ou-

tros, do sindicalismo revolucionário, inscreve-se também nessa corrente da educação integral e livre, ligada a uma preocupação de uso social do conhecimento, contudo, também, sem transformar a criança em um pequeno produtor competitivo e demasiado amiúde explorado nas oficinas. O único objetivo da educação é preparar para essa condição futura de produtor consciente, pela pluridisciplinaridade e pela multiplicidade das técnicas. A importância de Pelloutier, na minha opinião, é que ele responsabiliza o sindicalismo quanto ao problema educativo. Perfeitamente ciente do que está em jogo na educação para os poderes políticos e clericais, ele considera que ela é o melhor instrumento de dominação do Estado. Por conseqüência, o sindicalismo, que é o instrumento natural de emancipação da classe operária, deve capreender o fato educativo para liberá-lo da tutela dos poderes e, ao mesmo tempo, trabalhar pela liberdade de todos. Eis por que ele trabalhará para que as Bolsas do Trabalho tornem-se um local de educação dos trabalhadores, para que seja a obra dos próprios trabalhadores, como os sindicatos da C.N.T. espanhola fizeram-no em sua época. Trata-se, então, não apenas de “instruir para revoltar”, mas também, a fim de forjar a consciência, qualificar para melhor resistir e, com o tempo, a fim de construir o socialismo na liberdade. Para concluir essas rápidas considerações, evocarei La Ruche, local real, de fato, que aplicou esse desejo de fazer do espaço educativo um instrumento a serviço da humanidade, tomando cuidado para não enfeudá-lo a poder algum. Com efeito, como o faz Bonaventure hoje, Sébastien Faure tentou fazer viver uma pequena república educativa, apoiando-se em sua auto-suficiência econômica e na solidariedade ativa de estruturas e de organizações sociais participando de seu financiamento. Essa vontade de “não depen-

der” parece-me essencial, embora isso não diminua em nada as outras experiências de pedagogia libertária conduzidas aqui e acolá; com efeito, ela afirma-se como o único meio de dotar-nos de locais educativos autônomos e, por hora, próprios do movimento libertário. Com efeito, os poderes – e, em primeiro lugar, o poder de Estado, que as financia – tanto podem tolerar estruturas educativas dissidentes, marginais e libertárias, desde que estas não difundam ou não se inscrevam num movimento social poderoso e organizado, quanto podem, é óbvio, pôr um fim a essas experiências tão logo elas representem um incômodo ou um perigo para seu sistema.

Eis por que a auto-suficiência econômica é essencial, em fim de contas; é, sem dúvida, nessas capacidades de auto-suficiência, ancoradas no social, que está em jogo o futuro da pedagogia libertária. Que nasçam, então, cem pequenas repúblicas educativas e que o sindicalismo revolucionário atue nelas com responsabilidade.

### Os princípios reguladores da pedagogia libertária

Por sinal, quanto aos princípios da pedagogia libertária, deter-me-ei na enunciação de alguns grandes invariantes que parecem fundamentais. Parece-me, hoje, – mas não é o filtro da educação dos adultos que age aí? – que a finalidade essencial desse processo da educação pela liberdade consiste em que o indivíduo, na medida do trabalho educativo, participa cada vez mais na organização e na produção de seus saberes. A educação, nisso, é co-constituente do anarquismo, porquanto visa a autorizar o indivíduo a produzir-se como pessoa autônoma, zelosa em desenvolver pelo conhecimento, e o conhecimento de si, sua liberdade e a liberdade dos outros, e que ela pro-

põe-se a dar a todos e a todas um espaço no qual se realizar social e profissionalmente. Como escrevia Pestalozzi, pedagogo suíço do século XVIII, o projeto educativo tenta permitir a cada um “fazer-se livre”, tendo em vista o que ele é. Os teóricos e os práticos da pedagogia libertária irão também nesse sentido, como J.-J. Rousseau, antes de Pestalozzi, preconizou-o para Emílio, que ele se propunha a fazer “primeiramente homem”. *L'Encyclopédie Anarchiste* diz, sem ambigüidade, em relação a isso, que: “a educação tem por objetivo educar a criança para que ela possa cumprir o destino que ela julgar melhor, de tal modo que em toda ocasião, ela possa julgar livremente quanto à conduta a escolher e ter uma vontade assaz forte para confrontar sua ação com esse juízo”. Assim, o objetivo da educação libertária, e *a fortiori*, da pedagogia libertária, consiste em participar da elaboração de um indivíduo livre – livre para agir e pensar – e capaz de produzir um discurso crítico segundo suas próprias escolhas. Nisso, o projeto anarquista de educação ultrapassa a simples acumulação de saber e propõe-se a construir um indivíduo capaz de análise e recuo crítico.

#### Rumo a indivíduos livres e autônomos

Se “a liberdade é o coroamento do edifício educativo”, formar o espírito “é pô-lo de sobre-aviso contra todas as causas subjetivas (interesse pessoal, amor-próprio, preguiça, dependência do outro, princípios dogmáticos, gosto pelo maravilhoso), que nos impedem observar e julgar ou nos induzem ao erro em nossas observações e nossos juízos”.<sup>1</sup>

A educação libertária afirma-se como uma pedagogia racionalista, e mesmo, científica que recusa fazer da criança, e mais tarde do adulto, um crente na anarquia. Ela prega um indiví-

duo que, após análise e reflexão, tentará, eventualmente com outros, construir o anarquismo. Ela não é, pois, contrariamente a inúmeras doutrinas pedagógicas, uma máquina de reproduzir e descerebrar, mas, ao contrário, um modo de produção de indivíduos livres e autônomos, capazes de escolher seu modo de engajamento social.

A educação libertária e seu corolário, a pedagogia, visam, como já o propunha William Godwin, “a aprender a pensar, discutir, lembrar-se e a questionar-se”.<sup>2</sup>

O conhecimento, mesmo se ele é indispensável, não é um fim em si.

O resultado da educação não é uma cabeça bem cheia que oferece ao indivíduo todos os meios para agir, tanto na esfera do trabalho manual quanto na esfera do pensamento e do trabalho intelectual. Ele se propõe a dotar o indivíduo, sem negligenciar nem esquecer as influências externas, dos instrumentos de sua autoconstrução.

Além disso, a educação libertária – a pedagogia Freinet e a pedagogia institucional inspirar-se-ão nela amplamente – é também uma escola da vida e dos funcionamentos sociais. A criança deve, então, educar-se e ser educada na liberdade e no respeito pelo outro, adulto ou criança. Nas reuniões, escrevia James Guillaume, as crianças serão completamente livres: “elas próprias organizarão suas brincadeiras, suas conferências, estabelecerão um *bureau* para dirigir seus trabalhos, árbitros para julgar suas divergências etc. Elas se habituarão, assim, à vida pública, à responsabilidade, à mutualidade; o professor que tiverem livremente escolhido para dar-lhes um ensino não será mais para elas um tirano detestado, mas um amigo que elas ouvirão com prazer.”<sup>3</sup>

Para além da modernidade e do idealismo do discurso, convém ressaltar que o projeto libertário questiona fundamentalmente o estatuto do par saber/poder na situação educativa. Eis por que ela foi e ainda é, em muitos locais, incômoda e antecipadora das sociedades futuras. Com efeito, sem se iludir, também, o poder não pertence mais àquele que sabe (o professor), mas, em princípio, a todos e a todas. O saber é a resultante, não mais de uma assimilação passiva, mas de um trabalho individual socializado ou de uma atividade coletiva. O educador não está mais lá para transmitir um saber acadêmico, emanado de diretrizes e programas autoritários, mas para favorecer entre os aprendizes a produção de conhecimento em função de seus centros de interesse ou de sua preocupação do momento. O professor desaparece descentrando-se, e torna-se um apoio à aprendizagem, que só tem por missão ajudar os aprendizes “a encontrar as respostas para suas perguntas, seja na experiência, seja nas reuniões com os camaradas, seja nos livros, e o mais raramente possível respondendo-lhes diretamente”.<sup>4</sup>

Trata-se simplesmente de transformar em ato a mui célebre fórmula de Blanqui no espaço educativo “nem deus (onisciente) nem mestre (onipotente)”.

### Uma atitude de vida

Para concluir essa rápida evocação de alguns princípios de pedagogia libertária, eu gostaria de acrescentar duas observações. A pedagogia libertária, de início, não é uma pedagogia do instrumento, mas uma pedagogia da *démarche* e da atitude. Isso quer dizer que ela não funda seus resultados no objeto da me-



“Vejam esse pequeno revoltado que se recusa a entrar na Vida!”  
Ilustração e comentário de Jossot.

dição – tal ou qual livro, tal ou qual método, tal ou qual suporte – mas na aptidão do grupo e de seu animador a pôr em obra um processo educativo na liberdade. Ela é uma intenção permanente em ato, daí suas fragilidades, e não uma crença na infalibilidade do método, daí sua força. A pedagogia libertária é uma pedagogia pragmática, não-dogmática, que repousa antes de tudo em alguns princípios simples e, sobretudo, na consciência e na participação ativa daqueles e daquelas que a põem em obra em situação e num contexto.

Minha segunda observação – mas ela não é inútil aqui? – consistirá em insistir no fato de que a pedagogia libertária só tem sentido se ela é se faz ato, concebida e guiada pelos

próprios aprendizes, em resumo, se ela é feita para (e pelos) os educados e não para (e pelo) o educador. Não se trata apenas de se dar prazer, conquanto isso também seja recomendado, mas de agir no interesse dos “cidadãos em aprendizagem”.

A educação e a pedagogia libertárias são princípios em ação, mas igualmente em questionamento permanente, é óbvio, praticando-se em todos os lugares, livre ou clandestinamente; não há espaço e tempo reservados a seu exercício, e, sem sabê-lo, alguns e algumas, preocupados com o desenvolvimento das crianças e dos adultos, praticam-nas muito bem. É por isso que podem reivindicar-se delas a equipe de Bonaventure, a do Liceu Autogerido de Paris e, por sinal, indivíduos isolados, em uma classe Freinet, no âmbito da pedagogia

institucional, numa ZEP [Zona de Educação Prioritária], em formação de adultos.

A pedagogia libertária, assim como o proletariado, não tem pátria.

Notas:

<sup>1</sup> Todas essas citações foram extraídas do artigo “Éducation”, de E. Délauney em *l'Encyclopédie anarchiste*.

<sup>2</sup> Citado por Jean-Marc Raynaud. *T'are ta gueub à la révo.* Éditions du Monde libertaire. Paris. 1987. p. 191.

<sup>3</sup> *idem.* p. 209.

<sup>4</sup> Paul Robin, citado por Nathalie Brenand in *Cempuis, une expérience d'éducation libertaire à l'époque de Jules Ferry.* Éditions du Monde libertaire. Paris. 1992.

---

Hugues Lenoir

é pesquisador e professor de Ciências da Educação  
e diretor do Centro de Educação Permanente  
da Universidade Paris X - Nanterre.

Traduzido por Plínio A. Coêlho

## BIBLIOGRAFIA

Nathalie, Brenand. *Cempuis, une expérience d'éducation libertaire à l'époque de Jules Ferry.* Éditions du Monde libertaire. Paris. 1992.

Coletivo. *Bonaventure, une école libertaire.* Éditions : du Monde libertaire-Alternative libertaire. Paris-Bruxelles. 1995.

Coletivo, sob a direção de Patrick Bournaud et Ahmed Lamih, *Les Pédagogies autogestionnaires,* Ivan Davy editeur. Vauchrétien, 1995.

Coletivo, sob a direção de Jean Houssaye, *Quinze Pédagogues, leur influence aujourd'hui,* Armand Colin, Paris, 1994.

Sébastien, Faure. *Ecrits pédagogiques,* Editions du Monde libertaire, Paris, 1992.

Roland, Lewin. *Sébastien Faure et «la Ruche»,* Cahiers de l'Institut d'histoire des pédagogies libertaires, Ivan Davy éditeur, 1989.

Sutherland, Neil Alexander. *Libres enfants de Summerhill,* Éditions La Découverte, coll. Folio, Paris.

Carl, Roger. *Liberté pour apprendre.* Dunod, Paris, 1971.